

III

Revoluções Comunistas

O PRIMEIRO CAPÍTULO FOI UMA TENTATIVA DE ANÁLISE teórica. Fizemos uma rápida revisão crítica do materialismo histórico e examinamos a importância do fator estratégico de produção na definição das grandes etapas da história. O segundo capítulo teve caráter mais descritivo ou factual. Mostrou a técnica como um novo fator estratégico de produção. Demonstrou seu caráter perverso, penetrando em todos os setores do mundo moderno e tudo dominando. Procurou deixar claro que nosso conceito de técnica e de técnicos é amplo, incluindo o conhecimento organizacional e, portanto, os administradores profissionais das grandes organizações burocráticas.

Aceitas as premissas dos dois primeiros capítulos, a conclusão necessária a que devemos chegar agora é a de que estamos entrando em uma nova etapa da história: a da tecnoburocracia ou do tecnoburocratismo. Se o fator estratégico de produção é o elemento definidor por excelência das grandes etapas da história, e se este fator está deixando de ser o capital para se tornar o conhecimento técnico ou simplesmente a técnica, devemos obrigatoriamente admitir que estamos entrando em uma nova fase da história.

Entretanto, os argumentos baseados na concepção de uma «necessidade histórica» são extremamente perigosos. Frequentemente são fruto de um determinismo ingênuo. Quase sempre servem para justificar ou dar forças às ideologias daqueles que caracterizam a «necessidade histórica». A previsão da inevitabilidade do advento do socialismo, realizada por Marx, por exemplo, embora não possa ser acusada de fruto de determinismo ingênuo, é, sem dúvida, tradução das aspirações e valores políticos de Marx. O que, certamente, é inevitável, é o desaparecimento do capitalismo, como o de qualquer outro sistema sócio-econômico. Na época em que Marx viveu, porém, ele não tinha condições para prever com acerto qual sistema substituiria o capitalismo. Previu o socialismo e infelizmente errou.

Hoje, um século decorrido, temos muito mais elementos para fazer uma previsão. Ou melhor, uma constatação, já que não se trata exatamente de uma previsão. O processo revolucionário de mudança de fase histórica está em marcha. O capitalismo ainda não desapareceu do mundo, mas está em processo de decadência. As forças da tecnoburocracia estão claramente presentes. São discerníveis a olho nu. Em alguns campos já se tornaram predominantes. Em outros ainda trabalham em uma condição de assessoria. Mas em todos os setores o crescimento de sua influência e poder é inegável.

Devemos distinguir, na análise do processo de emergência da tecnoburocracia, os países capitalistas desenvolvidos, os países subdesenvolvidos e os chamados países socialistas ou comunistas. Examinaremos este problema, neste e nos dois próximos capítulos, em que discutiremos as revoluções comunistas, as revoluções militares e a revolução dos gerentes.

Os países chamados socialistas são simplesmente aqueles em que o capitalismo foi subitamente liquidado através de uma revolução pretendidamente proletária e socialista, mas efetivamente tecnoburocrática. Ao fazermos esta afirmação, estamos tomando como modelo, basicamente, a União Soviética. Sabemos que estas generalizações são perigosas. Por isso, para os demais países, e particularmente para a China, será necessário fazer as devidas alterações à idéia geral que estamos apresentando.

Da mesma forma que a Revolução Francesa tem inicialmente um caráter popular, para em seguida ser empolgada pela burguesia, a Revolução Comunista também teve seu termidor. Foi idealizada por políticos e intelectuais marxistas. Por eles foi liderada. Obteve o apoio dos operários urbanos e de uma grande parcela de camponeses e de soldados. Transformou-se, sem dúvida, em uma revolução eminentemente popular. Parecia, efetivamente, uma revolução socialista. Na verdade, foi uma revolução tecnoburocrática.

Para o socialismo o mundo ainda não estava maduro. Para uma sociedade sem classes, democrática, em que houvessem liberdade e igualdade de oportunidade, a escassez ainda existente no mundo não oferecia condições. A escassez acentuava o natural egoísmo dos homens. O utilitarismo racionalista o sacramentava. E o conflito, institucionalizado pelo capitalismo através da concorrência, ganhava novas conotações na sociedade tecnoburocrática, mas não tinha ainda condições de ser substituído pela cooperação, como requer o socialismo. Este é baseado, por definição, na cooperação entre os homens. Não é possível imaginar um sistema socialista sem um alto grau de cooperação entre todos. Ora, em 1917, como talvez ainda hoje, o mundo não estava ainda preparado para um sistema econômico baseado essencialmente na cooperação.

Para a tecnoburocracia, porém, o mundo estava ficando maduro. O desenvolvimento da revolução soviética é uma clara demonstração desse fato. Inicialmente a revolução

foi liderada por políticos e intelectuais radicais de classe média, cheios de idealismo, que pretendiam em pouco tempo estabelecer a justiça social, a igualdade de oportunidades, a liberdade em uma sociedade sem classes. O controle dos cargos governamentais mais importantes e a administração das empresas foi entregue a esses políticos e intelectuais e aos operários que mais ativamente haviam colaborado com a revolução. Os critérios para a distribuição do poder eram eminentemente políticos. A fidelidade à causa da revolução era o elemento essencial.

A revolução de outubro teve um caráter eminentemente popular. Teve o apoio decidido da classe operária e, no início, da própria classe camponesa. Conforme diz Isaac Deutscher:

«A revolução socialista foi apoiada sinceramente pela classe trabalhadora urbana... Nenhuma classe da sociedade russa e nenhuma classe trabalhadora, em qualquer parte do mundo, atuou com a energia, a inteligência política, a capacidade de organização e o heroísmo com que os operários russos agiram em 1917 e depois, durante a guerra civil.»²²

Por isso, apesar da liderança de intelectuais e políticos de classe média, a revolução de outubro foi sem dúvida uma revolução proletária. E, uma vez realizada, um grande número de operários assumiu posições-chaves no novo sistema de poder. Tudo indicava que estávamos realmente diante de uma revolução socialista.

Em pouco tempo, porém, o ideal do socialismo foi-se transformando em um mero *slogan*. O primeiro passo nesse sentido foi a criação do partido único. A morte de Lenine e a subida ao poder de um líder autocrático e inescrupuloso como Stalin, apressaram o processo. A revolução continuou a ser celebrada. A tomada do poder

²² DEUTSCHER, Isaac, *A Revolução Inacabada*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 22. Edição original: *The Unfinished Revolution*, 1967.

pela classe operária continuou a ser afirmada. E enquanto isso, instaurava-se no poder um sistema tecnoburocrático totalitário, em que toda a liberdade era suprimida, em que novos privilégios se constituíam, em que os maiores crimes eram cometidos, em nome da revolução proletária.

Há muitas explicações possíveis para essa traição da revolução de outubro. Entre as explicações correntes, pelo menos quatro devem ser mencionadas. Alguns afirmam que a revolução foi traída porque Lenine morreu prematuramente, sendo substituído no poder por um homem intrinsecamente despótico e imoral como Stalin. A fraqueza desse tipo de afirmação é óbvia. E' fruto de um personalismo histórico ingênuo. Outros preferem generalizar um pouco mais, e atribuir o problema à sede de poder que caracteriza os homens, e ao caráter corruptor do poder. Trata-se ainda de uma visão personalista da história, que geralmente é completada com a afirmação de que esse é o destino de todas as revoluções. Outros ainda, cujas intenções ideológicas são óbvias e não necessitam comentário, afirmam que o resultado do socialismo é necessariamente o totalitarismo burocrático soviético.

Um quarto tipo de argumentação, mais respeitável, atribui o malogro da revolução de 1917 em instaurar um efetivo sistema socialista ao caráter prematuro dessa revolução. A Rússia não estava preparada para a realização de uma revolução socialista. A revolução burguesa mal começara. A classe operária não era ainda numericamente respeitável. O sistema econômico não alcançara ainda um nível de integração e de produção social, a escassez era ainda um fenômeno por demais generalizado, para que houvesse condições para uma revolução socialista. Nas palavras de Isaac Deutscher:

«O marxista vê no pleno desenvolvimento do caráter *social* do processo produtivo a principal e histórica condição prévia do socialismo. Sem isso, o socialismo seria um castelo no ar. Tentar impor o controle social num modo de produção que não é inerentemente social, é tão incongruente e anacrônico quanto a manutenção do controle privado ou seccional sobre um processo produtivo que é social... As formas de socialismo foram forjadas (na União Soviética) antes de existir o conteúdo, a

substância econômica e cultural; e, à medida em que o conteúdo era produzido, as formas deterioravam-se ou eram distorcidas.»²³

E conclui Isaac Deutscher, resumindo em uma frase a revolução russa:

«No início, as instituições político-sociais criadas pela Revolução erguiam-se muito acima do nível real da existência material e cultural da Nação; depois, quando esse nível subiu, a ordem político-social foi rebaixada pelo peso da burocracia e do stalinismo.»²⁴

O argumento do caráter prematuro da revolução soviética é mais aceitável, mas se não for devidamente completado, cairemos no erro em que Isaac Deutscher acabou por incidir: o erro do personalismo de atribuir à burocracia e ao stalinismo a culpa final do não cumprimento dos ideais da revolução de 1917. E' preciso acrescentar ao argumento de Deutscher que, em 1917, a sociedade russa, se não estava madura para o socialismo, estava razoavelmente pronta para o estabelecimento de um regime tecnoburocrático.

Este é o aspecto importante do problema. Quando a revolução soviética foi realizada, o desenvolvimento tecnológico no mundo já havia sido suficientemente poderoso para começar a fazer pender para o lado da técnica, inclusive da técnica burocrática, o papel de fator estratégico de produção. A revolução liquidava com o sistema capitalista, mas continuava às voltas com o problema da escassez e do subdesenvolvimento. Nenhuma sociedade, até hoje, no mundo resolveu o problema da escassez. Nem mesmo a norte-americana. Muito menos a russa em 1917, que, ainda por cima, tivera sua precária economia destruída pela guerra mundial e pela guerra civil.

O vácuo de poder criado pela liquidação do sistema capitalista e feudal devia, portanto, ser preenchido por alguém

²³ *Idem*, pp. 26, 27 e 35.

²⁴ *Idem*, p. 35.

que fosse capaz de fazer face à escassez existente, administrar a economia do país e promover sua industrialização. Na medida em que a escassez continuava a existir, o problema econômico permanecia dominante. A revolução soviética só poderia substituir efetivamente o capitalismo se fosse capaz de realizar as tarefas dos empresários capitalistas e do estado capitalista relativas à produção de riqueza. O novo sistema deveria administrar a produção social pelo menos com a mesma eficiência que o sistema capitalista. Se possível, com uma eficiência maior.

Ou melhor, toda a formulação teórica dos economistas socialistas mostrava que o sistema econômico capitalista era ineficiente, marcado pela desorganização e o desperdício. Dentro da visão racionalista em que o socialismo, tanto ou mais que o capitalismo, foi concebido, um dos argumentos principais a favor do socialismo era o de que se tratava de um sistema mais eficiente, mais racional, do que o sistema capitalista. Agora que uma revolução capitalista fora realizada, era condição essencial de sua sobrevivência que essas teses se comprovassem.

Ora, a única alternativa para que isso ocorresse, além do próprio capitalismo, era «racionalizar» o sistema social, ou seja, burocratizá-lo. Era montar uma organização burocrática básica — o Partido Comunista — e, a partir desta, organizar a burocracia estatal e as organizações burocráticas produtivas, ou seja, as empresas. E para isto não era mais possível nomear para postos-chaves os políticos, os intelectuais e os operários revolucionários. Estes poderiam ser aproveitados na medida em que fossem tecnicamente capazes, e que fossem capazes de se enquadrar no novo sistema. Em um sistema rígido, inflexível, fechado, em que o conformismo político fosse integral. Em um sistema governado pela eficiência e pelo medo. Ora, os revolucionários são idealistas que, geralmente, não se enquadram nesse tipo de sistema. Não é de estranhar, portanto, que muitos se tenham rebelado. E que tenham sido sumariamente expurgados. E o resultado disto foi o surgimento de uma «nova classe», na expressão de Milovan Djilas, de uma classe de tecnoburo-

cratas, que assumiu o poder de forma oligárquica, suprimiu todas as liberdades, e criou uma série de privilégios para si mesma.

Não são mais os políticos, muito menos a classe operária, que controlam o poder. Este está nas mãos da tecnoburocracia, constituída, fundamentalmente, de administradores profissionais que, adotando o papel de políticos, administram o Partido, o Governo e as empresas. Só são políticos na medida em que são fiéis aos interesses do próprio grupo de tecnoburocratas e na medida em que são capazes de utilizar o jargão político oficial: uma contrafacção do marxismo-leninismo. Essencialmente são burocratas, que são admitidos por seus pares na medida em que possuam as qualidades de um administrador profissional: capacidade decisória, imaginação, capacidade de organização, ambição, necessidade de realização, e ao mesmo tempo um alto grau de adaptabilidade, de conformismo, e uma estrita lealdade ao sistema.

Djilas, em *A Nova Classe*, faz uma análise notável da tecnoburocracia dos países comunistas. Sua crítica é muitas vezes apaixonada e unilateral. Nesses termos, salienta mais o aspecto burocrático do sistema do que o técnico. Evidentemente não percebeu que os dois fenômenos são extremamente similares, confundindo-se em um plano de abstração um pouco mais elevado. Admite porém que, além da lealdade, o burocrata necessita ser capaz. Diz-nos ele a respeito dos critérios para ascensão à nova classe:

«A nova classe está sendo criada com a mais baixa e a mais ampla camada do povo, e transforma-se constantemente... Teoricamente, o caminho para o alto está aberto para todos... A única exigência feita para se percorrer a estrada é a lealdade completa e sincera ao partido ou à nova classe. Ampla na base, ela vai-se tornando cada vez mais estreita à medida em que se aproxima do alto. Não basta desejar subir, é necessário ter capacidade de compreender e aperfeiçoar doutrinas,

ter firmeza na luta contra antagonistas, excepcional destreza e inteligência nas lutas internas do partido e talento para fortalecer a classe.»²⁸

Em síntese, a revolução de 1917 falhou em estabelecer um verdadeiro regime socialista porque, uma vez realizada, sua própria condição de sobrevivência era trair-se a si mesma e tornar-se tecnoburocrática. Ela era prematura na medida em que o fator estratégico de produção continuava o elemento fundamental da história, e na medida em que esse fator estratégico estava passando do capital para a técnica. Foi a tecnoburocracia que a matou, mas não se tratou de obra deliberada. Se, ao invés de Stalin houvéssemos tido na União Soviética um outro líder, as coisas poderiam ter sido um pouco diferentes, mas não muito. Uma vez eliminado o capitalismo, o domínio da tecnoburocracia era inevitável.

²⁸ DJILAS, Milovan, *A Nova Classe*, Rio de Janeiro, Agir, 1958, p. 93.